

## A "GRADIVA", DE JENSEN - UMA METÁFORA ARQUEOLÓGICA DA TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA

Monica G.T. do Amaral  
(UNESP Araraquara)

### RESUMO

AMARAL, M.G.T. *do A "gradiva", de Jensen - uma metáfora arqueológica da terapêutica psicanalítica. Estudos de Psicologia, 9(3): 107 - 115, 1992.*

*Elegendo como motivo principal da exposição o papel da narrativa literária na elucidação do inconsciente psicanalítico, este trabalho procura, a partir do artigo de Freud sobre o conto "A Gradiva" e das reflexões estéticas de W. Benjamin, percorrer o processo de reconstrução da experiência (Erfahrung), presente tanto na produção poética, quanto na terapêutica psicanalítica.*

**Palavras-chave:** psicanálise, psicoterapia, discurso científico, literatura e psicanálise.

### INTRODUÇÃO

Pretendemos proceder a uma reflexão sobre o papel da produção literária, em particular daquela que se caracteriza como obra aberta (\*), na elucidação do inconsciente psicanalítico. Para tanto, recorreremos à análise feita por Freud, em *O delírio e os sonhos em "A Gradiva"*, (Freud, 1907), do conto *Gradiva - uma fantasia pompeiana* (Jensen, 1903), auxiliada pelas contribuições de Walter Benjamin a respeito da reconstrução da experiência ("Erfahrung") a partir da narrativa literária.

\* *Perspectiva que Walter Benjamin identifica em algumas tendências progressistas da literatura moderna (Proust, Kafka) que, a seu ver, são capazes de reconstruir a experiência ("Erfahrung"), utilizando-se da técnica da narração. Tendências estas que se opõem claramente às concepções de tempo linear e de história acabada do romance moderno. Estas idéias de Benjamin são apresentadas em alguns de seus artigos sobretudo em "O Narrador", (1936), reunidos em: BENJAMIN, W *Magia e Técnica, Arte e Política*. 2ª ed. Obras Escolhidas Trad. de Sérgio Paulo Roaunet S.P. Brasiliense. 1986. v I*

De acordo com alguns autores, o esforço de Freud no referido artigo, foi mais no sentido de apreender o valor da própria peça literária e dela realizar um trabalho de interpretação psicanalítica do conto.

O caminho escolhido por Freud para interpretar a "Gradiva" parece ter sido facilitado pela própria temática em questão - "um estudo" de "caso clínico". Freud reconhece, no entanto, que embora Jensen se refira a um tema essencialmente psicológico, ele o apresenta com a liberdade apropriada ao trabalho artístico (por exemplo, quando apresenta certas coincidências, dadas pelo "acaso", entre as fantasias do personagem central e sua vida na realidade). Mesmo conferindo a essa peça literária o valor de um "estudo psiquiátrico", não considera que o poeta tenha tido intenção semelhante. Acredita apenas tratar-se de uma tentativa, no campo literário, de abordar os aspectos psicológicos da vida humana.

Ao nosso ver, a preocupação de Freud (na análise deste conto, ao menos) parece convergir com as idéias de Benjamin, no sentido de que se deva evitar qualquer tipo de redução da experiência estética à experiência psicológica.

Benjamin salienta, entretanto, alguns aspectos da experiência estética, para os quais Freud parece não se atentar, considerando-os essenciais para a compreensão do valor do texto literário, do ponto de vista psicanalítico inclusive.

Referimo-nos ao tipo de narrativa observada na modernidade que, de acordo com Benjamin, seria responsável pelo trabalho de reconstrução da experiência, não de uma maneira nostálgica ou romântica, mas segundo uma dimensão de "abertura: diante de "um universo incerto a partir de uma tradição esfacelada" (Gagnebin, prefácio de Benjamin, 1986, p. 14). Benjamin, de acordo com Gagnebin (prefácio de Benjamin, 1986), relaciona o fracasso da "Erfahrung" com o "fim da arte de contar", o que exigiria uma nova forma da narratividade de acordo com a qual a experiência com o passado pudesse ser reconstruída.

Uma reconstrução da experiência que se faz em meio a um movimento infinito da memória, presente particularmente em Proust, com a qual Benjamin tanto se identifica. O autor considera que a narrativa proustiana instaura um outro estilo de escrita, em que se entrelaçam tempos diversos, representando, desse modo, uma forma de luta contra o ideal clássico iluminista, que defende a exclusividade da subjetividade consciente e soberana.

Não pretendemos comparar a obra **Em busca do Tempo Perdido** (Proust, 1913-1927), comentada por Benjamin, com o conto de Jensen, cuja escrita é bem menos complexa do que a do primeiro. Podemos, sim, estabelecer paralelos quanto ao papel da narrativa na elucidação de fenôme-

nos inconscientes. O que nos interessa observar é em que medida a narrativa de Jensen se pauta pelo tempo do inconsciente, de acordo com o qual o passado do personagem central (Norbert Hanold) é recriado por sua experiência no presente.

Seria interessante apresentar de modo resumido a história da "Gradiva", relatada por Jensen, para depois percorrermos, mais detidamente, o próprio desenvolvimento da narrativa, procurando, ao mesmo tempo, realçar a análise feita por Freud sobre o papel dessa peça literária na explicitação dos processos envolvidos no delírio, nos sonhos e, até mesmo, na "cura" terapêutica.

O conto de Jensen relata a história de um jovem arqueólogo, Norbert Hanold, de origem alemã, filho único, cujo pai (professor universitário) era dedicado às descobertas da Antiguidade. Após a morte dos pais, Norbert estudou com afinco filologia e arqueologia, seguindo posteriormente a carreira universitária.

Encontrando-se, certa vez, na Itália em busca de objetos de escultura antiga, o personagem se viu diante de um baixo-relevo que muito o impressionou. Era a escultura de uma jovem (denominada, por Norbert, "Gradiva"), que aparentava tal naturalidade e mesmo simplicidade, que lhe deu a impressão, tratar-se de alguém comum, que pudesse ser visto nas ruas.

A partir desse momento, o relato se desenvolve em torno da busca obstinada, por parte de Norbert, da pessoa que pudesse ter inspirado o artista (autor do baixo relevo), há 2.000 anos. Viajando por diversas cidades italianas (Roma, Nápoles, Florença), chegou finalmente em Pompéia onde iria encontrar a sua "Gradiva". Uma jovem que se chamava, na verdade, Zoe Bertang, e que o atraiu por sua semelhança com o baixo-relevo. Ao longo do relato, ficamos sabendo que esta jovem tinha sido sua amiga de infância, mas que Norbert pensava ser "Gradiva" (a musa inspiradora do autor do baixo-relevo). Isto porque, como veremos, o personagem, desde que passou a se dedicar aos estudos arqueológicos, relegara ao esquecimento, não somente sua amiga Zoe, mas todas as mulheres, mantendo contato com elas apenas por intermédio de esculturas e outras peças arqueológicas. Mas, paradoxalmente, foi a própria escultura da "Gradiva" que acabou despertando em Norbert, ainda que inconscientemente, seu amor e interesse pela amiga de infância.

Durante essa segunda viagem à Itália, o personagem teve sonhos e até mesmo delírios sobre a "Gradiva", que se viram acentuados a partir do encontro com Zoe. Esta, notando a confusão feita por seu amigo entre ela e "Gradiva", passa a utilizar-se de uma linguagem dúbia para introduzir alguns elementos de realidade para os quais Norbert pouco atentava. Estabeleceu com ele, desse modo, uma forma de comunicação que acabou se conver-

tendo, de acordo com Freud, em uma espécie da técnica terapêutica bastante eficaz.

Em resumo, esta seria a história relatada por Jensen no conto sobre a "Gradiva". Uma história que salienta a experiência do personagem, Norbert, de redescoberta de seu próprio desejo a partir de signos materiais (as esculturas antigas, o baixo-relevo). Estes, na verdade, se constituem no suporte material do desejo reprimido ao qual Norbert terá acesso com o auxílio bastante engenhoso de sua amiga Zoe.

O conto nos remete a um tempo do inconsciente que é traduzido não apenas por lembranças involuntárias do passado (como em Proust), mas pela construção sucessiva de delírios e sonhos - preenchidos em grande parte por experiências remotas que haviam sido jogadas no "limbo" do inconsciente -, que vão sendo, aos poucos, "desmanchados" diante de experiências significativas do presente, particularmente a partir de seu encontro com Zoe Bertang, sua "musa de infância".

No que diz respeito à escrita de Jensen, pode se observar que o "narrador-autor" mantém certa independência em relação ao personagem central (o relato é na terceira pessoa), embora apresente a história de acordo com o ponto de vista deste último. Um tipo de narrativa bastante propícia a um relato que se pauta pela tônica dos "acontecimentos" experienciados internamente (sonhos e delírios), em que a rememoração espontânea do personagem é entremeadada por fortes tendências ao esquecimento.

### **A "GRADIVA" DE JENSEN - UMA INSPIRAÇÃO POÉTICA PARA A PSICANÁLISE.**

Freud escreveu o artigo **O Delírio e os Sonhos em "A Gradiva"** (1907), pretendendo retomar a temática dos sonhos e buscar no trabalho poético um novo ângulo de visão sobre o assunto. Ao mesmo tempo, tinha interesse em observar em que medida uma obra literária, de autoria de alguém que nada conhecia sobre as descobertas da psicanálise, seria capaz de revelar não só aspectos relativos à gênese do delírio, mas também das condições de cura do mesmo.

Após uma análise minuciosa desse conto, Freud parece ter admitido a sensibilidade do poeta, dada a acuidade com que este pôde apreender a intrincada trama dos fenômenos inconscientes.

A análise de Freud faz-se no sentido de ressaltar a lógica do inconsciente presente na descrição dos sonhos e delírios de Norbert, que motivaram as próprias ações do personagem, muitas delas incompreensíveis ao leitor

Parece-nos pela época em que Freud elaborou este artigo, entre 1906 e 1907, que seu interesse pelo conto da "Gradiva" encontra-se intimamente relacionado com o momento de suas descobertas em psicanálise. Recém havia publicado os *Três Ensaio*s (Freud, *Três Ensaio*s, 1905) obra em que se evidencia a importância das investigações a respeito da sexualidade infantil para o desenvolvimento de sua teoria da fantasia, a partir da qual passa a considerar os fatores intra-psíquicos como sendo determinantes da sintomatologia neurótica.

A noção de fantasia em Freud, assim como suas teses a respeito da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo, tornaram-se fundamentais para o trabalho de interpretação psicanalítica dos sonhos e para o desvelamento da etiologia das neuroses.

O conto de Jensen, ao apontar a determinação inconsciente dos delírios de Norbert, (por exemplo, a sexualidade infantil, acompanhado de forte repressão) sem se remeter a fatores de ordem externa ao psiquismo do sujeito (advindos da hereditariedade ou de experiências traumáticas), acaba se revelando a Freud como um forte testemunho de suas teses a respeito da teoria da fantasia.

Propomo-nos, neste momento a recuperar a análise freudiana da "Gradiva" de Jensen, referenciando-a a momentos do próprio conto, para que se possa observar o modo peculiar de apreensão dos fenômenos inconscientes no campo literário.

Freud considera que o interesse de Norbert pelo baixo-relevo é, desde o início, de natureza psicológica (causando-lhe, sem explicações, uma estranha atração) e não propriamente arqueológica, sendo que o conhecimento neste campo funciona apenas como suporte material para fantasias, sonhos e delírios do personagem.

A jovem esculpida no baixo-relevo, a quem Norbert denomina "Gradiva"\* , vai-se-lhe apoderando de todas as suas fantasias. O arqueólogo sente-se atraído pela figura de "Gradiva" não por ser ela de uma beleza especial, mas, como já foi dito, por sua simplicidade e naturalidade. Chamava-lhe a atenção o movimento firme e decidido para a frente com que a jovem caminhava: "Esse movimento exprimia ao mesmo tempo a leveza ágil de uma jovem caminhando e um repouso seguro de si, o que lhe dava, ao combinar uma espécie de vôo suspenso com um andar firme, aquele encanto particular" (Jensen, 1987, p.12).

Era, pois, a realidade viva que inspirara o artista, o que mais interessava a Norbert, fazendo com que este sentisse necessidade de se reaproximar das figuras femininas

\* O personagem inspira-se em *Mars Gradiva*, nome dado por poetas da Antiguidade à deusa da guerra que se encaminha para a batalha.

Norbert tinha-se afastado quase que inteiramente da vida social após a morte dos pais, mas, como afirma Freud, foi a própria "natureza" que o despertou para uma experiência da qual há muito tinha se distanciado, ou seja da vida afetiva. Esta vivência aparece em seu imaginário, inicialmente, por intermédio da fantasia de "Gradiva" que acaba dominando tanto os sonhos como a vida desperta (sob a forma de delírios) do personagem. Produz-se uma verdadeira cisão entre suas vidas intelectual e afetiva, sendo que a primeira é colocada, cada vez mais, a serviço da segunda.

Como foi se desenvolvendo essa fantasia?

De início, Norbert imagina que Gradiva tenha sido uma jovem dama filha de um nobre da Antigüidade. Aos poucos, particularmente, após sua primeira visão-delírio, acaba adquirindo a firme convicção de se tratar de uma jovem oriunda de Pompéia.

Levanta a hipótese, inclusive, de que Gradiva não poderia ser de origem latina ou romana, mas grega; isto, ele explica em função de seu conhecimento a respeito da colonização do sul da Itália pelos gregos.

Empreende uma viagem ao sul da Itália, onde se depara com vários casais em lua-de-mel, incomodando-se particularmente com as declarações de amor entre eles. Na tentativa de escapular destes casais "melosos", Norbert dirige-se a Pompéia. Nas ruínas de Pompéia, depara-se finalmente com sua "Gradiva", acreditando, de início, tratar-se de um fantasma.

A maneira pela qual se desenvolve a narrativa neste momento coloca o leitor na mais completa confusão, pois não fica claro se o autor está se referindo a uma alucinação do personagem, a um fantasma ou mesmo a uma pessoa real.

Mas, como observa bem Freud, várias indicações vão sendo oferecidas ao leitor, para que seja possível, aos poucos, decifrar o enigma que constitui a vida e o imaginário de Norbert.

Muitas questões, no entanto, permanecem sem esclarecimento. Por exemplo não se sabe qual seja a natureza da relação existente, para Norbert, entre a jovem real e o baixo-relevo. Também não fica esclarecido o motivo que faria Norbert atribuir a esta imagem uma existência real. Ao mesmo tempo, quando se depara com a jovem Zoe, mesmo diante de uma série de indícios de realidade, o personagem permanece, durante boa parte da narrativa, acreditando estar diante de um fantasma, embora não creia integralmente na realidade de suas "visões". Tanto é assim, que o personagem acaba se dirigindo a todos os hotéis da cidade em busca de sua "Gradiva".

Outros encontros se sucedem entre Norbert e Zoe-Gradiva, sendo que esta ao perceber que seu amigo acredita ser ela uma jovem grega do passado ("Gradiva"), acaba se propondo a seguir "docilmente o delírio de Harold, e sem contradizê-lo nunca, consegue que o jovem vá expondo sua

fantasia em toda sua amplitude" (Freud, **O delírio e os sonhos em "A Gradiva"**, 1973, p. 1293).

Aos poucos, Zoe vai introduzindo a Norbert alguns elementos de realidade por ele desconsiderados até então (por exemplo, quando lhe chama pelo nome, demonstrando conhecê-lo; ou ainda quando lhe oferece pão), o que o deixa bastante atordoado. Norbert é tomado por sentimentos de intensa ambigüidade, desejando, ao mesmo tempo, distanciar-se de "Gradiva" e revê-la "imediatamente".

Por fim, o "papel terapêutico" exercido pela jovem Zoe-Gradiva junto a Norbert acaba se completando em seu último encontro em Pompéia, na chamada "Villa Diomedes". Embora de início, o personagem pareça confundí-la com a "Gradiva" de 2.000 anos atrás, em seguida Zoe o auxilia a "desmanchar" a intrincada trama de suas fantasias e reconhecê-la como uma amiga de infância.

Na verdade, a jovem leva-o a restabelecer os elos perdidos com sua infância, cujos "ecos" se faziam sentir em suas fantasias. Estas se constituem em uma espécie de ramificação das recordações de Norbert, particularmente de sua amizade por Zoe. Embora estas imagens de infância tenham sido relegadas ao esquecimento, acaba voltando à tona, como afirma Freud, sob a forma de "retorno do reprimido".

Freud considera que o autor do conto sobre a "Gradiva", embora sem nenhum conhecimento de psicanálise, anuncia com muita clareza a origem das fantasias que constituem os delírios do personagem, ou seja, as recordações amorosas infantis que foram banidas de sua consciência.

Dada a resistência de Norbert a toda forma de expressão erótica, esta acaba emergindo de forma inconsciente. O delírio seria o resultado da luta entre o "poder do erotismo" e as "forças repressoras".

Freud esclarece, ainda, o papel assumido, em Norbert, de seus conhecimentos de Arqueologia: "a motivação científica serve de pretexto ao erotismo inconsciente e a ciência se pôs por inteiro a serviço do delírio". (Freud, **O delírio e os sonhos em "A Gradiva"**, 1973, p. 1311).

Os sonhos do personagem, por sua vez, oferecem novos "ingredientes" para seus delírios, provocando-lhe, muitas vezes, uma intensificação dos sentimentos dolorosos.

Considerando que a narrativa percorre o imaginário do personagem e o apresenta sob seu próprio ponto de vista, compreende-se o motivo pelo qual muitas questões permanecem confusas e ambíguas para o leitor.

Isso ocorre até o momento em que se esclarece a própria natureza do delírio, tema central da narrativa: contém elementos da vivência pretérita do personagem, que se encontram reprimidos (dado o teor erótico dos

mesmos) e como acesso à consciência se faz sob a condição de sofrerem fortes deformações.

Na medida em que o próprio sintoma (o delírio) é duplamente determinado - por elementos conscientes e inconscientes -, o papel terapêutico exercido por Zoe-Gradiva torna-se perfeitamente adequado. Utiliza-se de frases de duplo sentido (repletas de simbolismo), capazes de atingir as duas vertentes do imaginário de Norbert: sejam aquelas que se remetem a circunstâncias reais de sua vida, sejam as de ordem fantasmática. Por fim, com cuidado e bastante engenhosidade promove em Norbert a capacidade de obter a compreensão de seu delírio, facilitando, desse modo, sua própria cura.

Freud reconhece em Zoe-Gradiva o mesmo papel curativo que se pode observar no tratamento terapêutico, realçando algumas características essenciais do mesmo que foram seguidas com sabedoria pela personagem do conto, a saber:

- proceder à investigação completa da "fantástica construção mental" do sujeito;

- uma investigação que conduz à elucidação da gênese do delírio, ao mesmo tempo que promove a cura do sujeito;

- o poder curativo do amor. Se bem que a esse respeito, por se tratar de um conto, acaba se convertendo em algo plenamente realizado, o que não ocorre na relação terapêutica.

Ao final da leitura do conto, têm-se acesso ao sentido dos delírios do personagem, na medida em que se esclarecem os fatores conscientes e inconscientes que os determinam.

Trata-se de uma narrativa que envolve o leitor, chegando mesmo a nos confundir, talvez pelo fato do autor-narrador assumir cada vez mais o ponto de vista do próprio personagem adotando, pois, uma forma de escrita bastante adequada à elucidação da linguagem do inconsciente presente em delírios e sonhos.

Ou seja, uma narrativa que acompanha o próprio trabalho de esquecimento e de rememoração presentes, tanto na construção dos delírios do personagem, quanto em sua desconstrução. Trata-se, pois, de uma produção poética que retira o "eu" do personagem do tempo que corre (da vida cotidiana) e o introduz no tempo do inconsciente, o que lhe permite ter acesso a um passado recriado pela experiência presente. Ao mesmo tempo, produz no leitor, talvez por identificação com os conteúdos do relato, a necessidade de um acompanhamento bastante próximo do percurso do desejo do personagem. Acreditamos que isto ocorra por se tratar de uma narrativa que "desnuda" os nossos desejos, fazendo-nos entrar em contato com nossas

próprias oscilações e ambigüidades. Uma escrita, portanto, que nos captura e, talvez, por isso mesmo, nos envolva.

## SUMMARY

AMARAL, M.G.T. do "Gradiva", by Jensen - archaeological metaphor psychoanalytic therapy. *Estudos de Psicologia*, 9 (3): 97 - 115, 1992

The main interest of the following paper is the role of narrative literary in the unravelling of the psychoanalytic unconscious. In view of this elucidation, the present article aims at going through the process of reconstruction of experience (Erfahrung) evident in both poetic production and psychoanalytical therapy, considering Freud's analysis's of Jensen's *Gradiva* and W. Benjamins's aesthetic reflections.

**Key words:** psychoanalyses, psychoterapy, scientific discourse, literature and psychoanalysis

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benjamin, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 2ª ed. Obras Escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986, v. I.
- Freud, S. El Delírio y los Suenos en La "Gradiva" de W. Jensen (1906-1907). IN: **Obras Completas**. Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1973, v. II.
- Freud, S. Tres Ensayos para una Teoría Sexual (1905). IN: **Obras Completas**. Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1973, v. II.
- Gagnebin, J. - M. Prefácio. IN: Benjamin, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986, v. I.
- Jensen, W. **Gradiva - uma fantasia pompeiana**. Trad. Angela Melin. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1987.
- Proust, M. **Em Busca do Tempo Perdido**. Rio de Janeiro, Ed. Globo. 1987 (7 vol.)